



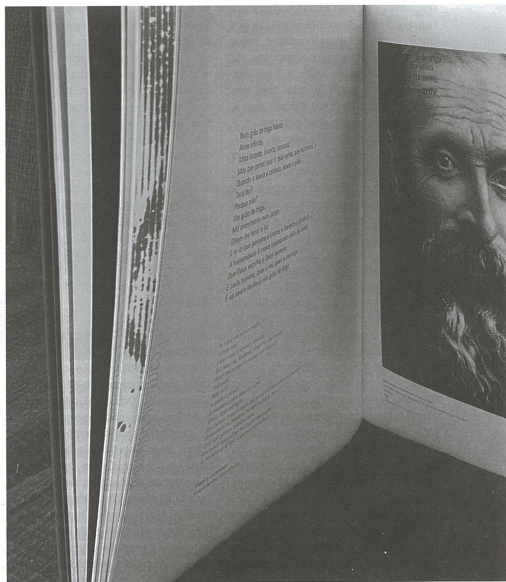
Edite Estrela
vice-presidente da Assembleia da República

“A singularidade da forma”

A *segunda pele* de Balbina Mendes é um livro especial. Não é um livro comum, feito de sequência de frases e estas de sequências de palavras que, por sua vez, são sequências de letras-sons. Este livro é muito mais do que isso. Olha-se e percebe-se a singularidade da forma. O leitor é de imediato atraído pela esmerada apresentação, pelo grafismo cuidado e pelo contraste cromático, preto e ouro. Folheia-se e ressalta de imediato a singularidade do fundo: a linguagem não-verbal, representada por diferentes signos visuais, em simbiose com a linguagem verbal da própria pintora, e de vários poetas portugueses e ensaístas, conhecedores do percurso artístico da autora. A intertextualidade dialoga com os variados recursos pictóricos, num processo continuado de revelação e desvelamento para atingir a síntese perfeita e maravilhar os e as leitoras.

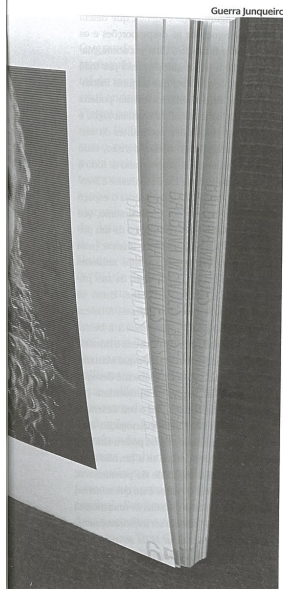
Mas quem é esta original artista que recorre à palavra alheia para apresentar a sua biografia? Não à palavra de um desconhecido, nem tão pouco à palavra de um qualquer nome consagrado das Letras ou das Artes. A Pessoa e não a outro. Só com ele, rosto de muitas máscaras, se poderia identificar aquela que, multiplicando rostos e máscaras, aprendeu o mundo pelo filtro dos sentidos e o declinou de múltiplas formas e variados matizes. E porque é sobretudo de *personae* que trata esta obra. A própria Balbina explica a opção: *Fernando Pessoa, a máscara personificada na múltipla heteronímia, tem vindo a contaminar a minha pintura através da sua poesia.* O belo e pouco conhecido poema, *No ouro sem fim da tarde morta...*, eventual razão da feliz escolha de ouro em fundo negro da capa de *A segunda pele*.

Ouçamos então Pessoa para melhor conhecermos a artista: *Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas. (...) eu sinto-me vários seres.* A corroborar a palavra tomada de empréstimo, surgem rosto(s) e máscara(s). Singular e plural. Ela, única, inconfun-



dível, sob o manto diáfano da criação, um *ballado de máscaras* (...) assente sobre o *Nada* e o *Sonho*, nas premonitórias palavras de Teixeira de Pascoaes. Balbina Mendes nasceu no “reino maravilhoso” de Miguel Torga e, como ele e eu, recebeu o maior bem que se pode ter: o nome de transmontana, que quer dizer filha de Trás-os-Montes. Foi dessa matriz composta e variada que retirou o acervo visual e semântico para recriar tradições, memórias e vivências. Reconstituiu usos e costumes em vias de extinção. Recria rituais, como os caretes de Podence em simbiose com mitos da cultura clássica. Nas palavras exatas da pintora, estamos na presença de *duas autoras, duas linguagens, duas*

realidades, múltiplas significações. A inspirada reconstrução alicerçada numa persistente reinvenção de técnicas e formas de expressão levam a artista a metamorfosear a realidade e a transmigrar para fantásticos territórios nunca dantes experimentados. “Tenho sempre dificuldade em escolher o uno no meio da diversidade. O melhor retrato, a máscara mais interessante, a imagem mais emblemática... Parei, olhei e deixei-me seduzir pelas páginas 226 e 227. Fundo preto, texto em branco, como branca é a máscara mais enigmática (mais singular, pintura ou escultura?) do conjunto, paradigma da *transmutação* que uma “segunda pele” pode ser.



Guerra Junqueiro

acaba o rosto? Como distinguir o rosto da máscara? Eduardo Lourenço escreveu que *Campos é o Pessoa mais nu, deixando correr à solta a torrente de angústia que o sufoca. Em parte alguma o poeta se ocultou menos que em Campos.* Faz todo o sentido. Campos é o poeta do excesso, de tudo sentir de todas as maneiras.

De Pessoa e seus heterónimos é feita uma interessante e inteligente seleção. São convocados também Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Do primeiro, *procuro despir-me do que aprendi*, para explicar o processo criativo. Do segundo, *tenho mais almas que uma, tenho mais eus do que eu mesmo*, a remeter para o desdramatamento do eu. Fernando Pessoa é o rosto que vestiu as mais variadas máscaras, em nome de uma catarse sempre adiada, a um retorno à identidade apurada que nunca alcançou, *Ah quantas máscaras e submáscaras!* De *A segunda pele* se pode afirmar que contém “o rosto e as máscaras”, título que David Mourão Ferreira escolheu para a conhecida antologia de textos escolhidos em verso e em prosa de Pessoa e seus heterónimos. No jogo heteronímico ou labiríntico de Pessoa, em que o poeta ora se esconde ora se mostra, Saramago observa e conclui: *As máscaras olham-se, sabendo-se máscaras. Usam um olhar que não lhes pertence, e esse olhar, que vê, não se vê. Colocamos no rosto uma máscara e somos outro aos olhos de quem nos olhe. Mas de súbito descobrimos, aterrados, que, por trás da máscara que afinal não poderemos ser, não saberemos quem somos. Está, portanto, por saber quem é Fernando Pessoa”.* E Balbina, sabemos quem é? Sabemos que as suas escolhas são criteriosas. Em tudo há nexo e bom gosto. A ligação com Saramago ocorreu, como não podia deixar de ser, com a leitura de *O ano da morte de Ricardo Reis*, onde encontrou o ponto de contacto com a série de pinturas que deram corpo a *A segunda pele*.

Ernesto Rodrigues, escritor, ensaísta (e também ele transmontano), num texto intitulado *Faces de um novo discurso, com Pessoa*, refere a história da máscara e explica o processo criativo

de Balbina Mendes. Mas, Ernesto Rodrigues, de observador de Balbina, passa a objeto de observação, sendo por ela retratado. Como numa galeria de retratos, desfilam rostos e máscaras, poetas, ensaístas, escritores, pessoas e figuras mitológicas, que se cruzaram com a artista ou povoam o seu imaginário. Já ficou claro que *A segunda pele* inclui muito de tudo: pintura, poesia, comentário crítico, diferentes línguas – do mirandês ao francês, passando pelo espanhol e o inglês. A intertextualidade não se verifica apenas com Pessoa e heterónimos. Encontramos poemas de Guerra Junqueiro, Mário de Sá-Carneiro e de Natália Correia. E também não faltam referências a temas da atualidade mais recente, como o problema dos refugiados, e as metamorfoses das máscaras da pandemia, um momento particularmente marcante da nossa história recente.

Na sobreposição das camadas temporais e da diversidade de recursos artísticos, sobressai a investigação, a recolha textual e o labor criativo de uma artista que gosta de entrosar palavras e emoções, fazendo jus às palavras de David Mourão-Ferreira: *Nós temos cinco sentidos: são dois pares e meio de asas.* Vendo, ouvindo, sentindo, estudando, pensando e voando. O título, *A segunda pele*, interpela-nos: quantas camadas visíveis e invisíveis? Quem somos? Somos o que parecemos? Quem pensamos que somos e o que os outros pensam que somos? Concluo que Bernardo Soares tem razão, ao afirmar que *tudo o que vemos é outra coisa e que tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem/De um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da/nota tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica/sempre uma dívida, e os sentidos possíveis são muitos.* Descobrir essa “outra coisa”, trazê-la da penumbra do contexto para a luz do texto, decifrar os sinais, descobrir os sentidos possíveis, é a tarefa que agora incumbe aos leitores/admiradores de Balbina Mendes.